

## *Revistas do modernismo – 1922-1929: uma caravana editorial*

Aline Novais de Almeida<sup>1</sup>

Juliana Caldas<sup>2</sup>

- PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel. *Revistas do modernismo: 1922-1929*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2015.

NA NOITE DE QUARTA-FEIRA, 5 de agosto de 2015, na rua Lopes Chaves, 546, última residência do ícone do modernismo brasileiro Mário de Andrade, foi lançada a caixa *Revistas do modernismo – 1922-1929*. No entanto, a contragosto do seu ilustre e já ausente anfitrião, não “se comia doces tradicionais brasileiros e se bebia alcozinho econômico”<sup>3</sup>. Celebrava-se o lançamento oficial da edição fac-similar de seis importantes revistas vinculadas ao primeiro modernismo brasileiro: *Klaxon* (maio de 1922 a janeiro de 1923); *Estética* (setembro de 1924 a junho de 1925); *A Revista* (junho de 1925 a junho de 1926); *Terra Roxa e Outras Terras* (janeiro de 1926 a setembro de 1926); *Verde* (setembro de 1927 a junho de 1928); *Revista de Antropofagia* (maio de 1928 a agosto de 1929).

Trabalho notório que envolveu a participação de importantes instituições de preservação e salvaguarda de coleções brasileiras e de acervos artísticos e históricos, como a Biblioteca Brasileira Guita e José Midlin (BBM), a Biblioteca Mário de Andrade (BMA), o CEDAE – Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp), e ainda o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP); essa nova edição é resultado de uma parceria editorial entre a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e a BBM e traz à luz um novo olhar para as históricas revistas da vanguarda brasileira, reinserindo-as no atual contexto crítico a partir da perspectiva de seus organizadores, os professores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, Pedro Puntoni e Samuel Titan Jr., e dos ensaístas convidados a tecerem considerações inéditas para cada uma das publicações em particular: Gênese Andrade, Eduardo Coelho, Ivan Marques, Antonio Arnoni Prado, Julio Castañon Guimarães e Eucanaã Ferraz.

Símbolos da profusa década de 1920 no meio intelectual e artístico brasileiro, essas revistas nasceram após a Semana de Arte Moderna de 1922, e configuraram-se fundamentais para se compreender as paixões, inquietações e agitações que moviam o imaginário dos expoentes da arte nacional, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Victor Brecheret, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida, Tarsila do Amaral, Rubem Borba de Moraes, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

Como herdeiras da tradição europeia, que historicamente veiculou em periódicos suas movimentações artísticas e culturais, as publicações brasileiras intentavam num primeiro momento aproximar o país do projeto internacionalista professado pelas vanguardas na Europa, haja vista a participação de colaboradores estrangeiros (L. Charles Baudouin, Nico Horigoutchi, Guillermo de Torre, Blaise Cendrars). Entretanto, essas obras impressas ganharam contornos

<sup>1</sup>Universidade de São Paulo – USP/ CNPq. E-mail: [alinenovas@gmail.com](mailto:alinenovas@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade de São Paulo – USP/ CNPq. E-mail: [jubscaldas@gmail.com](mailto:jubscaldas@gmail.com)

<sup>3</sup>ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista”. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, p. 239, 1978.

cada vez mais particulares e nacionais, conforme o projeto de renovação estética do modernismo brasileiro se consolidou e fez emergir o *topos* da dicotomia “atraso/modernização” que perpassou a história do país no século XX e segundo o qual o pêndulo entre a tradição e a ruptura se moveu num vaivém contínuo, circunscrevendo aspectos da cultura e da sociedade brasileira.

Mais do que um meio de divulgação das produções intelectuais e artísticas de cada um dos seus idealizadores e colaboradores, essas edições performatizam um espaço privilegiado para a socialização de jovens engajados na renovação das artes, o que as caracterizou como um trabalho coletivo, coautoral, e que primou, sobretudo, pelo trânsito e fortalecimento de suas criações. Nesse sentido, foram marcadas por certa precariedade, tanto na sua confecção como na sua manutenção, decorrente dos poucos recursos financeiros e também do escasso público-leitor.

*Klaxon*, a primeira revista modernista, teve como principal idealizador e colaborador o escritor Mário de Andrade. Difundida entre o período de maio de 1922 a janeiro de 1923, contou com nove números, sendo o último duplo. Como prenunciava o seu título – palavra francesa que significa a buzina –, veio a público, ainda que restrito, fazer barulho para incomodar o cenário artístico-cultural da época. Esse alvoroço se notava já no seu projeto gráfico, talvez o mais ousado de todos, executado por Guilherme de Almeida. De inspiração futurista, a capa trazia um grande “A” monocromático (vermelho, verde, amarelo, azul) que atravessava a página e compunha as outras palavras do título e do subtítulo da revista: *Klaxon – Mensário de Arte Moderna*. Não à toa, este “A” também formava a palavra São Paulo, cidade de difusão do periódico, remetendo à incipiente verticalização que começara a transformar a arquitetura da pauliceia. Uma colagem visual e de conteúdos que abarcou artistas estrangeiros (Charles Bandouin, Roger Avermaete, Albert Ciana, António Ferro, Claudius Caligaris, Guilherme de Torre, Vincenzo Ragnonetti, Henri Mugnier, Nico Horigoutchi, entre outros) e textos em outras línguas numa perspectiva internacionalista. *Klaxon* apresentava poemas inéditos, crítica literária, cinematográfica e musical, trechos de romances, desenhos, partituras, anúncios publicitários e, posteriormente, numa chave do deboche, anúncios antipublicitários. Como Gênese de Andrade articula em seu ensaio, “*Klaxon*, uma revista gritante”, trata-se de uma revista escandalosa ao ousar no *design* e na escolha dos tamanhos e das formas tipográficas, geometrizando as fontes das letras e dos números, o que evoca, de certo modo, uma tendência a ser recuperada pelo movimento concretista paulistano nos anos de 1950.

Idealizada por Prudente de Moraes, neto e Sérgio Buarque de Holanda, *Estética*, cuja circulação se deu entre setembro de 1924 e junho de 1925, teve vida breve com apenas três números. Caracterizada, sobretudo, por ser diametralmente oposta ao ruído de ruptura produzido pela *Klaxon*, mobilizava um *design* simples acompanhado de uma tipografia sóbria, atestando seu interesse em ser portadora de uma maturidade crítica para o movimento modernista, que precisava alçar novos e sensatos voos. Diferentemente do modo explicitamente descentralizado e itinerante da publicação anterior, a redação de *Estética* atribuía à casa editorial Livraria Odeon, localizada na Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro, o endereço “oficial” das reuniões de seus mentores e realizadores, no intuito de legitimar a consolidação do modernismo com uma postura menos celebrativa e mais reflexiva. Essa atitude resultou numa nova etapa para o movimento, na qual ocorreram algumas dissidências e polêmicas, o que evidenciava a relação conflituosa entre articulistas do Rio de Janeiro e de São Paulo, por exemplo, nas pessoas de Graça Aranha e Mário de Andrade. *Estética* explicitou as divergências ideológicas e conceituais do grupo modernista, incorrendo numa desarmonia que, a contrapeso, possibilitou a afirmação construtiva do ideário do modernismo, principalmente de seu caráter nacionalista, tendo em vista a divulgação de importantes textos como o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, e

o poema “Noturno de Belo Horizonte”, de Mário de Andrade, que integrou a importante obra *Clã do Jabuti*. Para Eduardo Coelho, em “*Estética: uma afirmação construtiva do modernismo*”, a importância do periódico se deu por já despontar uma crítica aprojeto modernista, deixando de ser pautado em aspectos apenas exaltados e festivos, para um pensamento analítico e maduro.

Tendo como pontapé inicial a famosa viagem de 1924 que levou a caravana modernista, composta por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Blaise Cendrars, às cidades históricas mineiras, *A Revista* é o periódico que descentralizou a perspectiva do eixo Rio-São Paulo em relação ao modernismo brasileiro e adentrou as cidades de Minas Gerais, orbitando ao redor da capital Belo Horizonte. Apesar da forte tradição literária nas terras mineiras, os poetas e os escritores – entre eles Carlos Drummond de Andrade, o fundador e o mais atuante dos articuladores d’*A Revista* – estavam distantes do burburinho artístico e intelectual que alardeava o início dos anos de 1920. Esta publicação que vigorou entre junho de 1925 a junho 1926, com apenas três números como a antecessora *Estética*, definiu-se, como aponta Ivan Marques no ensaio “Modernismo à mineira”, pela interiorização do movimento modernista, na qual a consciência do passado se atrelava à brasilidade. O título *A Revista* já indica o projeto editorial pretendido por seus criadores, segundo o qual a discricção do nome sintetiza também seu ideário: ser um espaço aberto às diversas contribuições, menos tendencioso a uma unilateralidade de temas ou de pontos de vista sobre o modernismo, incorporando articuladores passadistas, como, por exemplo, Abgar Renault, Austen Amaro, Wellington Brandão, Mário Casassanta. Não obstante o provincianismo geográfico, os jovens mineiros tinham amparo de Mário de Andrade, e recebiam incentivo comercial, com grande profusão publicitária em suas páginas, diferentemente das outras revistas modernistas. Além disso, há de se ressaltar o engajamento político que a edição e seus autores intentavam, anunciando os próximos passos do movimento modernista que continuaria a persistir na construção renovada das artes brasileiras e na interlocução com obras e artistas estrangeiros, ação esta que foi radicalizada na *Revista de Antropofagia*, idealizada por Oswald de Andrade.

Apresentando em seu primeiro número uma moção assinada por Paulo Prado que clamava pelo patrocínio da elite cafeicultora paulista para o resgate da carta de Padre José de Anchieta escrita em 15 de novembro de 1579, quando da fundação da cidade São Paulo de Piratininga e à venda numa livraria londrina, *Terra Roxa e Outras Terras* anuncia desse modo ao que veio, salientando o enaltecimento da cidade de São Paulo como capital do modernismo brasileiro que viria figurar ao longo dos sete números da publicação. Quinzenário dirigido por Antônio de Alcântara Machado e Couto de Barros, e cujo secretário e administrador era Sérgio Milliet, circulou entre janeiro de 1926 a setembro de 1926, e foi marcado por uma espécie de arremedo da primeira fase heroica do modernismo nacional. Trata-se de um projeto conflituoso pela miscelânea de vozes, que pena por colocar no mesmo bojo – tentando mascarar as incongruências ideológicas – sujeitos marcadamente divergentes quanto ao seu posicionamento em relação ao movimento artístico-cultural brasileiro. Deixa claro, nesse sentido, a dificuldade da harmonia e da uniformidade num grupo tão heterogêneo, o que culminaria em insultos até no nível pessoal, conforme assinala Antonio Arnoni Prado no ensaio “*Terra Roxa e Outras Terras*”: sobram farpas para todos os lados, ninguém é poupado. Embora não explicitamente, a revista paulista tinha um ranço conservador e passadista, além de uma supervalorização da cidade de São Paulo, sobretudo por sua tradição de poder econômico advinda das fazendas de café.

O mensário *Verde: revista mensal de arte e cultura*, concebido por Henrique Resende, Martins Mendes e Rosário Fusco, foi um espaço de vanguarda que congregou jovens rapazes da cidade mineira de Cataguases que ansiavam contribuir, mesmo que tomados pelo frescor da

juventude, para a atualização das artes e das letras brasileiras. O viço dos seus criadores, possivelmente, inspirou também o nome do periódico, que circulou entre setembro de 1927 a junho de 1928, com duas fases: a primeira composta por cinco números e um suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio do ano de 1928; e a segunda com apenas um número. A revista teve largo alcance e não permaneceu restrita à cidade de Cataguases, na zona da mata de Minas Gerais, afinal outros nomes do cenário nacional estavam presentes, tais como: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida e o franco-suíço Blaise Cendrars. O grupo dos moços da *Verde* escreveram, ao lado de outros companheiros, o “Manifesto do Grupo Verde de Cataguases”, que supostamente saiu, numa folha de papel verde, no terceiro número, segundo indica Júlio Castañon Guimarães no ensaio “*Verde*, uma revista e arredores”. O “Manifesto”, repleto de deboche e ironia, bem como os demais números não explicitam um programa estético definido claramente, apenas sinalizam a vontade de participar desse momento histórico da arte nacional. Nesse sentido, não será ao acaso a divulgação do excerto de dois notáveis romances brasileiros, *Macunaíma*, *o herói sem nenhum caráter* e *Serafim Ponte Grande*, nas páginas do mensário. Apesar do *design* gráfico nada arrojado, no qual apenas variavam as cores da capa, *Verde* não deixou de atrair anunciantes que ocupavam muitas páginas e davam o retorno financeiro capaz de manter a impressão dos números. Cabe destacar que a figura de Mário de Andrade surgia, novamente, como grande colaborador, tanto pelo incentivo aos jovens editores quanto por suas contribuições ao periódico. Aliás, de acordo com Castañon, o escritor paulista havia sido convidado por Rosário Fusco para compor o corpo editorial de *Verde*, mas preferiu não ter seu nome explicitado no expediente para não fazer sombra aos nomes desconhecidos dos jovens criadores.

Com a famosa frase “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente” estampada pela primeira vez no “Manifesto antropófago” que abre a *Revista de Antropofagia*, esta última publicação da caixa *Revistas do modernismo 1922-1929* pode ser dividida em duas fases, ou melhor, duas dentições: uma, com dez números mensais de oito páginas cada, teve início em maio de 1928 e pouco logrou diferir da recorrente ingenuidade das revistas anteriores, seja pelo modo sinuoso e bonachão de abordar o nacionalismo, seja pela pouca experiência formal dos textos veiculados; a outra, que teve maior participação de seu idealizador Oswald de Andrade, contou com dezesseis números e mais se aproximou dos interesses radicais anunciados no manifesto. Com projeto gráfico simples, a partir da segunda dentição, a *Revista de Antropofagia* se restringia a apenas uma página que era distribuída como encarte colocado dentro do jornal *Diário de Notícias*, o que permitiu a ampliação do público leitor e o maior acesso de outras camadas da população àquele “órgão” dissonante e debochado em meio às páginas cotidianas. Conforme atenta Eucanaã Ferraz no ensaio “Notícia [quase] filológica”, é neste momento que a veemência e a provocação proferidas no primeiro número ganham corpo – feito das partes deglutidas do modernismo –, permitindo ao manifesto se atualizar a cada número. Apesar de contar com uma marcante participação de colaboradores de outros estados, o que evidenciava o intuito descentralizador do periódico e do movimento modernista pelo Brasil, é inegável a forte contribuição dos paulistas, como a de Mário de Andrade com o primeiro capítulo de *Macunaíma*. Sem dúvida, a *Revista de Antropofagia* nascia na literatura, mas desejava avançar. Com tom farsesco e paródico, vinha ser um contraponto da vida comezinha na “capital” da intelectualidade brasileira ao romper o “café com pão” do diário paulista com publicidades falsas, anedotas inesperadas, colagem, paródias e escarcéu.

Há quase 100 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo, uma compilação de documentos e de escritos desse fôlego associada a um trabalho editorial e gráfico cuidadoso e delicado é de

inegável valor, contribuindo sobremaneira para a preservação da memória desse importante movimento de afirmação da cultura e da arte nacionais que foi o modernismo. Deve-se ressaltar ainda o valioso trabalho gráfico desenvolvido por Luciana Facchini e Karine Tressler que conseguem, literalmente, imprimir nessas páginas um acabamento fiel aos originais, aproximando seus leitores contemporâneos da experiência sensível (gráfica e visual) dos leitores de outrora. É assim inquestionável que a caixa *Revistas do modernismo 1922-1929* apenas abre o campo de estudos para pesquisadores interessados em aprofundar a leitura crítica de cada uma dessas revistas, para além do caráter de bastidores no qual elas estavam sendo produzidas e pensadas. Como todos os ensaístas convidados apontam, mas talvez pelo intuito de seus ensaios pouco tenham adentrado, há nessas edições um material rico e profícuo para interessados em discutir o imaginário e o tempo histórico-social, no qual o projeto modernista deu seus primeiros passos e acalorou novas visadas na arte e na literatura brasileira.

*Recebido em: 15 de setembro*  
*Aprovado em: 30 de setembro*